

# Marc: um grande na crítica de arte

Tom Hudson, um dos grandes nomes das artes britânicos, já veio por cinco vezes ao Brasil, dando seus Cursos de Criatividade. E em Porto Alegre está na sua segunda viagem, sempre às voltas com o Curso, e nessas duas vezes sempre trouxe como intérprete a Marc Berkowitz, grande nome na crítica de arte brasileira, mas que tem ainda a profissão de tradutor (diríamos assim), pois ele sabe que não é possível viver (aqui no Brasil) exclusivamente do trabalho de crítico de arte. Mas essa não é a segunda viagem que Marc faz a Porto Alegre, pois ele sempre que pode está na nossa terra.

Ele nasceu na Rússia, filho de pais russos, sendo educado na Alemanha, França e Brasil, para onde veio ainda garoto. Fala seis idiomas e conhece meio mundo. Praticamente viveu toda sua vida no nosso país e é cidadão brasileiro ("com muito orgulho", como ele mesmo diz e completa: "acho que tenho feito a minha contribuição para a arte brasileira").

Seu desejo em fazer crítica de arte veio desde garoto, tendo vivido sua meninice num bom ambiente artístico, frequentando museus e galerias. Aos 17 anos quis estudar pintura. Seu pai perguntou se desejava realmente ser pintor. A resposta: "Quero estudar pintura não para pintar, mas para saber como se pinta".

Considera-se um fã de Porto Alegre e diz que não é enfeito, pois quando estava em Salvador, um jornalista lhe perguntou o que achava da Bahia: "Venho aqui só por esta jornada, só mesmo por trabalho".

Uma série de perguntas e Marc Berkowitz vai respondendo muito sobre as artes plásticas no Brasil, em Porto Alegre e no mundo.

**Pergunta:** Como está a crítica de arte no Brasil?

**Resposta:** O importante é que

alguns jornais importantes devotam espaço para a crítica, para a coluna de arte.

**P.:** Coluna de arte ou crítica de arte?

**R.:** No momento o mais importante é a coluna de arte, pois a crítica é de uma minoria. A coluna de arte faz divulgação e ajuda a arte brasileira, desde que faça essa divulgação com uma boa dose de discernimento. Aí, até a coluna social é importante. No Rio, muitas vezes, vale mais uma nota na coluna do Zóximo do que na de arte, pois na primeira é lida por maior número de pessoas.

**P.:** Como está a arte brasileira?

**R.:** Bom, a arte brasileira vai bem, mas poderia ir muito melhor.

**P.:** Por quê?

**R.:** É difícil, talvez porque haja uma preocupação um pouco exagerada com o mercado de arte.

**P.:** Mas, o artista sobrevive fora do mercado?

**R.:** É difícil entrar na engrenagem do mercado. A arte tem que ser feita de acordo com as exigências do mercado ou do **Marchand**, que dá no mesmo.

**P.:** Há artistas que se fazem por si mesmo e estão bem no mercado...

**R.:** Quais?

**P.:** Márcia Barroso do Amaral...

**R.:** Ela faz uma arte pessoal, mas não precisa viver da arte.

Gosto do que ela faz, tanto que a incluo nas exposições que organizo. Anna Letycia, por exemplo, é taquígrafa na Câmara. Fayga Ostrower, se não estivesse bem casada, teria abandonado a gravura. Pisa venceu em Paris como artista, mas tinha meios próprios de se meter lá. Artistas que não

vendem certo número por mês, não têm dinheiro para manter o colégio dos filhos, o médico ou o que para viver. Um dos melhores, Ivã de Freitas, vive com tremendas dificuldades financeiras, isso que sua arte está em evolução e é muito pessoal. Os artistas lutam com as maiores dificuldades, além disso têm a praga dos printivos, apoiados por certos críticos de arte...

**P.:** Mas, os naifs europeus: os iugoslavos, os italianos?

**R.:** A Iugoslávia teve uma escola, com bastante calor, mas se comercializou. O naif quando começa pintar para vender, perde a inocência, assim como uma virgem que passa de cama em cama. Gitto e Rousseau foram dois grandes, mas entre eles aparece um período de 500 anos. Uma Grand Ma Moses faz um genero comercial, os haitianos também e com dois ou três anos de sucesso se transformaram em pintores comerciais.

**P.:** A arte no sul?

**R.:** Nunca tive tempo de passar uma semana tranqüilo por aqui, em contatos maiores com os artistas. Os 28 artistas brasileiros, que são exibidos pela América Latina, tem três gaúchos (Vera Chaves Barcellos, Maria Tomaselli Cirne Lima e Eduardo Cruz) e se eu tivesse a oportunidade de conhecer mais a arte gaúcha, teria convidado outros mais. E alguns bons artistas gaúchos (Iberê Camargo e Glauco Rodrigues) residem no Rio.

**P.:** Vale a pena, ou não, ser crítico de arte? Para viver?

**R.:** Para um crítico de arte que quer manter a sua integridade e independência é impossível, por isso se tem que ter uma profissão



Marc Berkowitz

lateral, totalmente diferente, para manter essa independência.

**P.:** Um crítico pode criar um mito?

**R.:** Um crítico pode ajudar a criar um mito.

**P.:** Por quê?

**R.:** É que ele sozinho não tem força, mas contando com a colaboração de uma boa série de elementos poderá.

**P.:** Diz três monstros sagrados...

**R.:** Portinari, Di Cavalcanti e o gaúcho Carlos Scliar.

**P.:** O Rio Grande do Sul tem uma escola própria de arte, talvez de gravura?

**R.:** Não acredito em características regionalistas, não há regionalismo em arte. Sou como Volpi que diz: um artista brasileiro é o que trabalha e produz arte no Brasil.

**P.:** Como definirias Volpi?

**R.:** Um grande artista autêntico, que sempre teve coragem em ser ele mesmo, porém se baseando num altíssimo nível de qualidade.

**P.:** A arte de consumo?

**R.:** Em geral tem uma conotação negativa, que não precisava ter. Acho que um múltiplo, uma

serigrafia, uma fotografia podem ter o mesmo alto nível de qualquer outra boa obra de arte. Isso depende das pessoas que selecionam e lançam arte de consumo.

**P.:** O marchand Terranova, da Periete Galerie, dizem que a obra única vai terminar...

**R.:** Não acredito nisso, quando uma certa corrente dizia que a pintura fina acabou. Como existem certos homens que vão querer ter obras únicas, de acordo com suas posses, como a ambição das mulheres de vestir um modelo de um grande costureiro, sabendo que ninguém mais vai ter esse vestido.

**P.:** A pintura vem e vai, a abstracionismo se termina e chegamos novamente ao Impressionismo ou Expressionismo...

**R.:** O tempo faz uma certa triagem, o medíocre é automaticamente eliminado. Na arte vale o mesmo. Todas as tendências deixam alguma contribuição, mesmo as passageiras.

**P.:** Um gênero de arte?

**R.:** Pessoalmente nunca me senti atraído pela arte geométrica, mas nunca deixei de me interessar pelo figurativo. Sempre gostei do desenho e da gravura, como na música prefiro a de Câmara.

**P.:** E o Geometrismo de Vasarely?

**R.:** O problema é que ele teve uma fase importante e depois se transformou em fábrica. Criou uma receita e segue a receita ad nauseum.

**P.:** Um novo de futuro no Brasil?

**R.:** Não cito um nome, mas existe uma geração de novos, dos quais incluo muito dos 28, cuja mostra circula pela América do Sul, pois a grande maioria é de novos e nesse grupo tenho fé. Existe uma geração de novos em toda a América Latina, pronta a ultrapassar as fronteiras.